

## **Nós, cidadãos. Aprendendo e ensinando a democracia.**

Maria Conceição D’Incao e Gérard Roy. Paz e Terra. São Paulo. 1995. 279 p.  
Prefácio de Christian Geffray

Esse livro nos faz compartilhar a experiência singular e o trabalho inovador de um casal de pesquisadores num assentamento de trabalhadores *sem-terra* do Estado de São Paulo. Em menos de 300 páginas, os autores conseguem escrever, conjuntamente, e com igual excelência, o que poderia revelar três gêneros literários diferentes: uma reflexão aprofundada sobre a questão da democracia e os mecanismos de dominação social no Brasil, uma análise detalhada do dia-a-dia dos moradores de um assentamento rural, de suas aspirações, sucessos e fracassos, e uma lição exemplar de metodologia de pesquisa em Ciências Sociais. O leitor é convidado a seguir o casal e os trabalhadores num itinerário que passa pelo questionamento sistemático das evidências sociais, da legitimidade das autoridades, dos discursos e posições dos atores, ao mesmo tempo que responsabiliza cada um de nós, cidadãos, na construção de relações mais democráticas.

Numa época em que se costuma valorizar os trabalhos de pesquisa pela ação social e ajuda ao desenvolvimento, eles começam por anunciar que querem ser “observadores passivos”, sem soluções nem remédios para os problemas da “comunidade”. Mas se não é para “entrar no jogo dos companheiros da luta”, então para que estão aqui? Embora relativa, sua neutralidade procura questionar as práticas habituais de intervenção social. Eles mostram-nos que sua “passividade” “uma distância calculada com os acontecimentos locais” “permite justamente a *ativação* de novas e construtivas relações entre os integrantes do grupo. Dando a palavra a todos e a cada um, os pesquisadores se fazem mediadores e ajudam a iniciar diálogos.

Do ponto de vista adotado pelos autores, democracia é assunto de todos, mas também de cada um porque passa necessariamente pelo aprendizado da liberdade individual e sua prática no cotidiano. Com tal exigência, o livro nos faz conhecer mulheres e homens cuja existência, cujos projetos e desejos, vão muito mais além da luta pela sobrevivência e pela propriedade da terra. Juntando democracia e liberdade, “partindo do respeito ao desejo de autonomia pessoal e resistindo à tentação de querer uni-los em torno de uma causa definida fora deles mesmos”, os autores revelam também o arbitrário das relações atuais, companheirismo e paternalismo, assim como os conflitos e bloqueios a que levam. Com abundantes citações de suas entrevistas, mostram-nos as dificuldades encontradas por certas populações na conquista da cidadania e os mecanismos que impossibilitam o diálogo.

É um aporte importante à sociologia (veja o prefácio de Christian Geffray) mostrar como situações contemporâneas não podem se reverter pela intervenção de um agente externo, mas sim pela consolidação de relações sociais democráticas idealizadas aqui como “livre comunicação e livre encontro entre pessoas autônomas”.

O texto segue as etapas da pesquisa num relato vivo. Logo depois das dúvidas do começo, participamos de reuniões políticas, compartilhamos cenas da vida quotidiana e dramas familiares. No assentamento, rala-se mandioca, saboreia-se cafezinho e galinha caipira, fala-se de catecismo, prepara-se festa e aulas de quadrilha, etc. Aprendemos a conhecer Maria, com sua fala emocionante; Almir, líder carismático e solitário; Rosa, mulher marginalizada; Gregório, pai de filha mãe... e apaixonamo-nos até por assuntos de maquinaria agrícola e de ponto de ônibus. Os pesquisadores conseguem combinar as suas finas análises sociológicas com as histórias de vida individual e ninguém escapa aos seus olhos agudos. Ninguém? Mesmo falando bastante deles e da evolução de suas relações com os trabalhadores, conservam certo pudor sobre as dúvidas e as crises pessoais que, provavelmente, marcaram aquela experiência: defendem com firmeza suas próprias idéias sobre as formas certas de organizar uma reunião, de falar em público, de educar as pessoas ou lidar com a sexualidade de filhos adolescentes. Não hesitam em denunciar um “comportamento *burguês*”, dominador ou machista, mas não convencem a cada vez. E porque todos nós, inclusive os pesquisadores, dificilmente podemos escapar aos “mecanismos de invalidação circular” que Maria Conceição D’Incao e Gérard Roy justamente nos revelam. O casal ensina mais do que aprende, porém tem a coragem “e a autoridade” de apresentar parte das incertezas de nossas pesquisas, geralmente ocultadas na literatura científica.

O livro nos aclara, enfim, sobre os tipos de materiais e o modo de produção dos resultados utilizados pelos sociólogos ou antropólogos, nas pesquisas em Ciências Sociais. Segue-se, explicitamente, as etapas da investigação e procura-se, por isso, um exemplo metodológico que interessará a todos os que, de alguma maneira, pretendem melhorar a qualidade dos diálogos profissionais com populações contempladas por políticas sociais. Às vezes, o leitor pode não conseguir situar precisamente os acontecimentos no tempo e no espaço: dá para entender que a situação estudada poderia ser reconhecida em muitos lugares do Brasil e que possui ainda a mesma atualidade que na data da publicação da obra.

Assim, nossos “observadores passivos” colocam conhecimentos de uma realidade social dada ao serviço dos trabalhadores e dos agentes institucionais. Mesmo com as melhores intenções, resulta difícil trabalhar com pessoas que só conheceram o desprezo e a indiferença da parte dominante da sociedade. Para romper o círculo das relações de dependência, os pesquisadores começam por abrir um espaço de silêncio, onde se escutam as palavras e idéias dos outros e onde se inicia o diálogo. Depois de mostrar as formas de “intervenção alienante”, os autores conseguem propor uma “mediação libertadora” e percebemos escutar, como eles escutaram, as vozes singulares daqueles que esperam participar de uma sociedade na qual cada um, *sem-terra*, pesquisador, agrônomo, estudante, cidadão, esteja utilizando, ensinando e aprendendo a democracia e a liberdade. É com este sentido que pode ser entendida a linda dedicatória do livro: “para ele, para ela, para eles”.

**Pascale de Robert**

Museu Paraense Emílio Goeldi / IRD

Belém, 1999